



As cidades pelos olhos de Clio: História e historiografia urbana

Cities through the eyes of Clio: Urban history and historiography

Las ciudades a través de los ojos de Clio: Historia urbana e historiografía

AMOROSO, Mauro ¹

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Campus Duque de Caxias, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil.
amoroso.mauro@gmail.com
ORCID: 0000-0003-1327-8864



Resumo

Essa entrevista com as historiadoras e professoras Josianne Cerasoli¹, Regina Oliveira² e Viviane Ceballos³ foi conduzida pelo professor Mauro Amoroso⁴ e ocorreu como atividade promovida pela Anpuh-Rio⁵. Entre as temáticas abordadas na entrevista, se destaca: a discussão da história urbana como campo de pesquisa, as temáticas que podem emergir de trabalhos que abordem o urbano e as cidades, as apropriações e usos do espaço urbano, a escala das cidades, o diálogo interdisciplinar, as tensões e disputas manifestas no espaço urbano, olhares possíveis sobre as dinâmicas urbanas, as novas sensibilidades e a relação público-privado nos estudos urbanos.

Palavras-chave: história, história urbana, cidades

Resumen

Esta entrevista con las historiadoras y profesoras Josianne Cerasoli, Regina Oliveira y Viviane Ceballos fue realizada por el profesor Mauro Amoroso y se realizó como una actividad promovida por Anpuh-Rio. Entre los temas abordados en la entrevista, se destacan: la discusión de la historia urbana como campo de investigación, los temas que pueden surgir de las obras que abordan lo urbano y las ciudades, las apropiaciones y usos del espacio urbano, la escala de las ciudades, diálogo interdisciplinario, las tensiones y disputas manifestadas en el espacio urbano, posibles perspectivas sobre las dinámicas urbanas, nuevas sensibilidades y la relación público-privado en los estudios urbanos.

Palabras clave: historia, historia urbana, ciudades

Abstract

This interview with historians and professors Josianne Cerasoli, Regina Oliveira and Viviane Ceballos was conducted by professor Mauro Amoroso and took place as an activity promoted by Anpuh-Rio. Among the topics addressed in the interview, the following stand out: the discussion of urban history as a field of research, the themes that may emerge from works that address the urban and cities, the appropriations and uses of urban space, the scale of cities, dialogue interdisciplinary, the tensions and disputes manifested in the urban space, possible perspectives on urban dynamics, new sensibilities and the public-private relationship in urban studies.

Keywords: history, urban history, cities

¹ Professora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e coordenadora do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre Cidade (CIEC-UNICAMP). E-mail: cerasoli@unicamp.br.

² Professora da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). E-mail: regina.oliveira@cja.ufsb.edu.br.

³ Professora da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: viviane.gomes@professor.ufcg.edu.br.

⁴ Professor da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), campus da UERJ em Duque de Caxias, presidente da ANPUH-Rio de Janeiro. E-mail: amoroso.mauro@gmail.com.

⁵ Live "Histórias na Quinta, realizada em 25 de novembro de 2021. Disponível em: <https://ne-np.facebook.com/anpuhrio/videos/hist%C3%B3ria-na-quinta-as-cidades-pelos-olhos-de-clio-hist%C3%B3ria-e-historiografia-urba/783507506383391/>. A transcrição integral da entrevista, da qual utilizamos alguns extratos, foi realizada pela estudante bolsista de IC, Juliana Abreu Neves



Mauro Amoroso: Iniciamos mais um episódio da “História na Quinta”, com a temática da História Urbana, história e historiografia urbana, contando com a contribuição das queridas professoras Josianne Cerasoli, da Unicamp, Viviane Ceballos, da Universidade Federal de Campina Grande e Regina Oliveira, da Universidade Federal do Sul da Bahia. Muito obrigado por terem aceitado esse convite. Esperamos que seja uma experiência ótima para vocês, assim como sabemos que será para aqueles que estão nos assistindo e interagindo conosco. Muito obrigado!

Viviane Ceballos: Obrigada Mauro pela receptividade! É muito bom poder dividir algumas reflexões, e pensar um pouco sobre esse campo de análise da história que é tão caro para nós, buscando tornar esse debate sobre a história urbana cada vez mais amplo.

Josianne Cerasoli: Só agradecendo aqui ao Mauro, agradecendo a Anpuh do Rio. É muito legal que a gente possa fazer esse debate, e trazer o tema para poder convidar mais pessoas para compartilhar dúvidas sobre ele, é o que eu posso dizer de início aqui, obrigado!

Regina Oliveira: Eu também quero agradecer ao Mauro e à Anpuh Rio pelo convite. É uma satisfação compartilhar esse espaço com essas duas amigas e profissionais queridas, Josianne e Viviane. Então é agradecer e vamos fazer esse bate-papo, trazer inquietações e nos inquietarmos, porque eu acho que é isso o que vale a pena.

Mauro Amoroso: Na mediação deste debate estaremos a professora Viviane e eu. Viviane você quer iniciar?

Viviane Ceballos: Para iniciarmos esse debate, é preciso pensar um pouco sobre a própria proposta e aquilo que constitui o que chamamos de história urbana. Quando definimos esse campo de análise entre nós, historiadores e historiadoras, devemos refletir sobre qual é o universo de análise que se apresenta para nós. Talvez este seja um bom ponto de partida para começarmos a pensar esses direcionamentos. Por um tempo, falar em história urbana remetia a uma análise dos espaços da cidade, da sua concretude, e essa concepção foi sendo reformulada, repensada e questionada. A gente pode então partir desse lugar, falando sobre o que é a história urbana, como é que a gente pode definir esse campo de análise? Se é que a gente consegue definir de forma tão clara e amarradinha assim, eu acho que é começar a pensar a partir dessa questão.

Josianne Cerasoli: Eu posso começar aqui, Regina. Você pode me interromper, porque a gente está compartilhando aqui um pouco das reflexões sobre o que temos feito. Toda vez que a gente classifica algo, a gente exclui. A classificação implica em hierarquização e exclusão. Então, falar em história urbana organiza um pouco o foco daquilo que estamos investigando. Mas o caráter mesmo do urbano, do que é a vida urbana, já por si carrega toda uma multiplicidade de dimensões. O urbano não se define só pela forma, não se define só pelo ambiente, pelo território, pelo modo de vida, tudo isso eu poderia colocar no plural. Então, a gente já começa a complicar um pouquinho a história urbana por aí. Mas também, eu penso que tem uma questão de origem da discussão: de quem é a preocupação com a história urbana? Eu vejo que dentro da história, no campo historiográfico mesmo, do nosso trabalho como historiador/historiadora, ele vem a partir ou da história política, então em uma perspectiva até um pouco tradicional, que remete à ocupação dos territórios, à mudança da



dinâmica dos territórios, ou muito mais pela história social. Então, vindo pela história social, a questão vem naturalmente. O social, os agentes estão à frente do palco, eles estão desenhando a cena e a cidade fica um pouco no segundo plano, como se as duas coisas não se intercrossassem. Acho que esse é um jeito de olhar para a questão. Agora, quando vamos falar da história urbana feita a partir do olhar do especialista da cidade que está interferindo no espaço, a geografia urbana também faz história urbana. Tem um grande geógrafo no Rio que trabalhou com a ideia de evolução urbana do Rio de Janeiro. Tanto quanto os urbanistas, os arquitetos urbanistas que vão trabalhar com a história, acabam priorizando não a cidade como um cenário exatamente, mas a própria materialidade da cidade. Tudo isso é história urbana e poderia ser história urbana. Eu queria complicar um pouquinho essa questão trazendo historicidade para o conceito de história urbana. Se a gente for pensar na história contemporânea, é no período contemporâneo que o urbano se torna uma questão, se torna um problema. Até então a vida urbana, a vida na cidade, todas as dinâmicas que envolvem a vida na cidade, não havia mobilizado a quantidade de profissionais, de olhares, de gerações, de propostas, de diagnósticos, que, por exemplo, o século XIX e o século XX mobilizaram. Então, na história contemporânea falar de história urbana praticamente se confunde com a história contemporânea, o contemporâneo se confunde com o urbano, e se a gente colocar isso, uma tendência que tem se mostrado na estatística, nas projeções que se atestam na maneira como a gente vive, nós estamos hoje em 2021 com 55% da população do planeta morando em cidade, e a perspectiva nos próximos 30 anos será de pelo menos 70% da população do planeta morando em cidade. Então vejam, se eu estou falando disso, eu arriscaria dizer para provocar meus colegas de história contemporânea: se eles estudam história contemporânea e não problematizam a cidade, eles não fazem história contemporânea. É o que se coloca mesmo para os meus colegas que estudam história ambiental, se eles não se preocuparem com o urbano, não vai sobrar campo de pesquisa para eles (risos), pensando que o impacto do ambiente naquilo que acontece na cidade é devastador. Então, não começo definindo nada, mas chamando para a provocação mesmo, vamos lá! Você consegue me apresentar temas de história contemporânea que ignorem o fato de estarmos na cidade? E por fim, uma última provocação para pensar esse aspecto do que é a história urbana: a gente chama de história urbana, a história de São Paulo, a história do Rio de Janeiro, história de Brasília, história de Salvador, dessa escala para uma população menor, a gente chama de história local, então o Rio, São Paulo, Salvador, Brasília não são locais? (Risos) Eu não posso dizer que estou vendo história local ou é uma história universal? O que é? Então, para mim história urbana se trata de uma dinâmica e ela é da maneira que eu entendo a história contemporânea para fazer a história da cidade em outros contextos, as questões são outras.

Regina Oliveira: Provocada pela fala da Josianne sobre a história urbana enquanto uma dinâmica, penso que mim é uma dinâmica com as pessoas, porque há uma preocupação muitas vezes com a forma, como a cidade vai se organizando, mas há um esquecimento sobre a forma como as pessoas usam e modificam esses espaços. Assim, pensar a história urbana, significa trazer essa dimensão, inclusive sobre os invisíveis da cidade, que estão ali com suas práticas diversas, tensionando essas relações, os estabelecimentos, a forma como a cidade foi construída, então também é importante a gente compreender isso. Certamente, o urbano vira um problema no começo do século XX e ele continua um problema cada vez mais agudizado, porque a forma como as relações se estabelecem nas cidades, sejam elas



pequenas, médias ou grandes, é óbvio que os problemas vão se exacerbando. O que me inquieta é que a cidade é entendida como cenário. Há trabalhos que fazem uma descrição da cidade, do urbano, mas aquilo é só um pano de fundo, sem fazer questionamentos que são da história urbana, da história da cidade. Então isso me incomoda muito. Tudo parece que é história urbana, aquilo que é tudo, também pode ser nada. Eu iria por aí, a partir dessas provocações para pensar, muito mais para refletir do que definir.

Mauro Amoroso: Excelente! E a partir dos debates que vocês fizeram, eu achei excelente que a Josianne chamou atenção para essa questão da escala. Para quem conhece o norte Fluminense, para quem faz uma história de Itaperuna, será que difere muito da história do Rio de Janeiro? Uma história de Niterói? Eu achei essa reflexão sobre as escalas importantíssima, bem como a Regina sinalizou, tudo é história urbana então nada é história urbana. Então, são provocações teóricas muito interessantes. Enfim, vimos que é um campo que traz provocações interessantes e a partir dessas provocações, quais são as inovações que vocês acham que a história urbana pode trazer para a própria historiografia no geral?

Regina Oliveira: Pensando em relação às escalas, me ocorre o Milton Santos, para pensar na geografia, o que interessa é o território habitado e eu fico pensando muito nas relações que as pessoas estabelecem com os espaços. Essas percepções que são sutis, entram em uma escala do sensível, mas quanto isso contribuiu para que a gente possa olhar esse espaço em outra perspectiva? Se a gente está, por exemplo, analisando os planos das cidades - algo super comum em trabalhos que vão tentar analisar as cidades, como elas são construídas, são planejadas a partir de um agente que tem um olhar, um certo olhar sobre aquele espaço. A forma como as pessoas vão interagindo e vão modificando aquele espaço, não necessariamente vai dialogar como objetivo inicial, com a intenção primeira (do planejador). Então, a gente entra em um campo da sensibilidade, das sutilezas, das subjetividades que traz para a gente a possibilidade de ampliar o nosso olhar, uma nova perspectiva em diálogo também com outras áreas. Certamente a gente não sai do nosso campo, mas a gente começa a estabelecer diálogo com outras áreas e me parece que essa é uma contribuição da história urbana, da história das cidades. Os pesquisadores que trabalham com esses temas, eles estão nesse diálogo, não se fecham somente no nosso campo primeiro, mas vão dialogar com outras áreas. Esta é uma importante contribuição, que não pode ser esquecida. A Escola dos Annales já fazia isso, lá atrás, mas a gente continua trazendo isso, ainda hoje, nos nossos estudos e nas nossas práticas. Eu acho que essa é uma primeira contribuição.

Josianne Cerasoli: Excelente! Regina começa por um caminho promissor, quando ela faz a provocação se tudo é história urbana, então nada é história urbana, é muito bom, é ótimo dialogar com quem provoca. Eu adoro Regina! Respondendo a minha indagação sobre história contemporânea, o que tem então de específico na história urbana? Eu acho que esse olhar se preocupa essencialmente com essa interação entre o espaço e a sociedade. Trazer o Milton Santos é muito oportuno, pois ele não descola a sociedade do espaço de forma alguma. O espaço só é construído porque as pessoas estão agindo e pensando sobre ele, projetando o futuro, então eu acho que é uma coisa fantástica. Penso que é importante olhar para o que há de específico no urbano e olhar aquilo que ele permite para a historiografia indagar. Mauro pergunta, ora o que o urbano trás de novo para a historiografia? Eu tenho a impressão nos trabalhos, ao fazer as pesquisas e caminhar com essa preocupação em



mente da história urbana, ela nos obriga, não deixa nenhuma saída em relação a isso, a gente tem que olhar para o urbano a partir de outras disciplinas. Não é possível entender a cidade só com a História, então os conceitos não estão prontos, tem que pensar seja a engenharia, o sanitarismo, a própria geografia, a sociologia que se indaga constantemente sobre o urbano. Não tem como pensar a cidade como um problema de forma isolada, a questão é interdisciplinar, se faz a partir do diálogo entre várias disciplinas, é afetado por esse diálogo permanentemente. Então, você não consegue se aproximar da história urbana sem olhar para isso. Tem um vasto repertório de autoras e autores, de leituras, de temas para você se inteirar se quer trabalhar com esse tema. Tudo o que a gente pode dizer é que não é um campo simples, nada é mais distante que um cenário que você descreve e coloca as pessoas andando para lá e para cá, e ali fazendo as suas revoluções e sofrendo as suas pressões. Nesse sentido, eu sempre me sinto desafiada, diálogo bastante com os colegas da Arquitetura e do Urbanismo, inclusive trabalhando no curso de Arquitetura e Urbanismo eu fico muitas vezes me indagando o quanto eu preciso dominar as ferramentas técnicas deles para poder dialogar de uma maneira mais apropriada e compreender melhor o tema. Tem sido assim, quanto mais entendo, mais me parece que eu tenho questões novas para trazer para a história urbana. O que tem de específico na história urbana? Todos os temas têm, mas há elementos complexos e desafiadores que dão um colorido mais intenso para a história urbana.

Viviane Ceballos: A ideia de pensar essa provocação, de tentar definir e amarrar alguns encaminhamentos para a discussão sobre história urbana, esbarra exatamente nessa impossibilidade de construir caixinhas que arrumam e que vão normatizando a forma como a gente olha para o espaço urbano, pensa as pesquisas e os enfoques que elas assumirão. Quero voltar um pouco para a questão da escala. É muito curioso porque a gente parte de uma tradição de pensamento eurocêntrico, uso tradição aqui como uma narrativa recorrente que tenta se consolidar e que se consolida por muito tempo, como um modelo a ser alcançado por aqueles centros urbanos, e que orientou os movimentos de reforma urbana, os movimentos que se atrelam a uma certa padronização do espaço urbano para se adequar a esse modelo de cidade, de espaço urbano que por muito tempo as análises da história urbana, elas acabavam se voltando para essa perspectiva. Faço aqui um mea culpa, porque no meu mestrado as discussões sobre Brasília passavam muito por essa tentativa de encontrar referenciais na transformação, na construção daquela cidade que tomava Paris, Londres, São Paulo, Rio como referências de análise. E hoje eu pesquiso uma cidade que fica no alto sertão paraibano, que está longe de corresponder aos padrões que, durante algum tempo, a gente tinha como referencial para pensar o espaço urbano e a gente precisa dismantlar e enxergar essa pluralidade de olhares, de enfoques, remetendo ao que Josianne falou sobre a questão da história urbana como uma história política e uma história social. A gente não consegue deslocar esse olhar porque está tudo colocado ali para ser pensado a partir do tensionamento, seja dos projetos que são feitos, seja do que está colocado como expectativa das pessoas que vivem a cidade, seja o que está colocado como projeto político de intervenção ou de ordenamento desse espaço. Então, é muito interessante pensar essa dinâmica e pensar que essa escala, cada dia mais, a gente percebe a necessidade de ela ser implodida, no sentido de trazer as discussões, voltar os nossos olhares, as nossas preocupações, inquietações para esses outros espaços que foram por tanto tempo silenciados. Não houve um silenciamento só de personagens, de pessoas, de



grupos que compõem esses espaços, mas também de cidades que deixaram de ser consideradas como espaços contemplados nas discussões da história urbana. É bem importante fazer essa problematização e essa provocação. Esses elementos nos ajudam a pensar provocativamente e instigar as pessoas a pensar o espaço urbano também de forma provocativa. Eu acho que o diálogo interdisciplinar, essa proximidade e o tensionamento com os colegas de outras áreas nos ajudam nesse processo de reformulação, de reelaboração do olhar que a gente lança à história urbana. Nesse sentido, uma questão que fica, é em torno dessas diferentes perspectivas que são possíveis de serem trabalhadas a partir da história urbana, que enfoques, que diferentes perspectivas a gente consegue construir nessas análises?

Josianne Cerasoli: Viviane, eu queria aproveitar um pouco essa reflexão que você fez e a pergunta do Mauro, para trazer uma questão aqui para todo mundo. Tenho a impressão de que estes estudos que estão mais pulverizados por vários outros espaços, como isso que você está trazendo da sua experiência de pesquisa sobre Cajazeiras ou a experiência da Regina sobre Ilhéus, que não estariam naquela escala que a gente havia dito inicialmente, que normalmente a gente pensa a história urbana. Acredito que isso respondia a talvez duas coisas objetivas que estavam colocadas no nosso campo de pesquisa: uma é que nós tínhamos uma quantidade muito menor de pesquisadores, então os centros formadores tendiam a ter esse papel de motivar e de estimular essas pesquisas. Os centros estavam ali à frente desse processo, Rio, São Paulo, depois foi ampliado para outras capitais, não estava difundido pelo interior. À medida que a gente vai multiplicando esses espaços, também vai criando mais demanda pela organização dos arquivos, mais demanda pela produção bibliográfica, a demanda vai estimulando mesmo esses trabalhos. A outra, eu acho que vou fazer uma leitura um pouco otimista disso. Penso que quando a gente vai para os temas, qualquer tema, não é só a história urbana, com esquemas explicativos prontos na cabeça, não importa de qual cidade você esteja falando, não tem pesquisa que responda às indagações, as indagações já estão respondidas, você tem pesquisa que ilustra. Me parece que a gente trabalhou muito com isso ao longo da historiografia, com muitos modelos de vários matizes, embora sempre tenha essa tendência de seguir uma moda porque enfim Você vai fazendo os projetos para serem aprovados, aí um tipo de autor(a) e enfoque dá certo, então todo mundo começa a trabalhar com aquele(a) autor(a) e o modismo existe. Tenho a impressão de que a pulverização hoje da formação e dos centros irradiadores de teorias, os centros formadores que tomam para si essa tarefa, acho que deixa a gente apostar um pouco mais na diversidade e nas surpresas do que as questões trazidas nas pesquisas vão mostrar. Gosto de ser apresentada a uma pesquisa de uma cidade nova, que eu não conheço, uma cidade que pode ser bem antiga, nova no meu repertório, nova no meu conhecimento, porque sempre dá para perceber ali questões que estão dialogando com outros contextos e outras perspectivas sobre as quais eu nunca tinha pensado antes, então não cabe modelo ou esquema explicativo. Eu tenho visto muita gente tentando driblar os modelos explicativos.

Regina Oliveira: Acho que apesar de uma circulação de referências, apesar da circulação de alguns modelos explicativos mesmo e de ideias, apesar dos agentes tentando impor alguns elementos nessas cidades, Brasil afora, por exemplo, elementos de infraestrutura como pontes estaiadas, gente fica entre dois elementos: a forma como essas ideias circulam, como elas chegam nessas cidades novas e a forma como elas são apropriadas e ressignificadas.



De fato, não tem um modelo, mas penso que a gente começa a perceber que há algumas ideias que circulam e parece que elas são meio gerais. Como o modelo da grande cidade exporta os seus projetos, o seu sucesso, os seus acertos para as outras. Primeiro, a importação de modelos nem sempre remete a sucessos, mas também os fracassos são importados e vão circulando. Nos grandes centros, nós estamos um pouco acostumados a vermos mudanças, porque a escala é outra. Nesses novos espaços, cidades, em cidades pequenas como Cajazeiras (PB) e Ilhéus (BA), quando a gente compara essas escalas, começa a perceber que existem outras formas de lidar com o problema, e eu acho que isso nos inquieta. Como é que a gente lida com isso? Como é que o(a) historiador(a) da cidade e do urbano vai lidar com esses problemas, que às vezes esses grandes modelos explicativos não dão conta? Então, é importante a gente compreender essa escala da cidade, como essas relações vão se desenvolvendo nesses espaços. Por exemplo, existe o papel do mercado imobiliário em qualquer cidade, ele é complicado em qualquer cidade, quais os interesses que estão por trás e como isso, no caso de Ilhéus, por exemplo, vai transformando absolutamente a paisagem, mas tem essa questão: onde estão os pobres da cidade? A cidade vai se modernizando, vai se transformando e os pobres das cidades estão onde? Porque é um outro olhar que a gente tem que ter, se a gente tem uma renovação urbana, novos espaços se consolidando, essa população que não é enxergada muitas vezes pelo agente público, não é enxergada por esse mercado imobiliário, só é enxergada quando ela é um problema, quando ela impede essa expansão, então como a gente vai encontrar essas pessoas? Entender essas dinâmicas, inclusive as estratégias de sobrevivência que elas estão utilizando para resistir, porque eu acho que não é só 2020 que não acaba mais, nós estamos num 2019 que se prorrogou e está se prolongando. A pandemia da COVID-19 escancarou aquilo que a gente já sabia que existia e, novamente, o olhar do(a) historiador(a), do(a) pesquisador(a) que trabalha com a cidade e com urbano, se faz compreendendo como se dão essas velhas relações, nesse contexto do aparentemente novo, e aí novos desafios aparecem: como fazer pesquisa nesse contexto? Como entrar nesses espaços habitados por essa população? Como entender essas relações que estão ali, às vezes de forma escancarada, outras vezes de formas mais sutis, mas que estão de fato criando guetos, empurrando essas populações para as franjas? No caso de Ilhéus, a gente precisa entender, porque a cidade está se transformando, a cidade está se expandindo para o eixo Sul, e a população que estava ali? Onde é que ela está agora? Pois ela não está onde o turismo a vê, mas está em algum lugar. Os(as) pesquisadores(as) precisam encontrá-la e entender, inclusive, como trabalhar com essa população, como ajudá-los(as) em seus processos também de resistência. Para mim este é um caminho a ser percorrido, um desafio a ser enfrentado.

Mauro Amoroso: Primeiro vocês falaram desse 2020 que não termina e a Regina lembrou que tem um 2019 que não terminou, mas aí eu vou lembrar que mesmo além do contexto pandêmico a gente estava em 2018 que não terminou, mas de fato é toda uma conjuntura negativa que impacta a política pública. Aqui no Rio de Janeiro, por exemplo, a gente fala de questões de segurança pública como política pública, é um extermínio de uma população que habita um espaço específico, que tem uma cor e tom de pele específica, é uma necropolítica e vai muito dentro daquilo que vocês estavam falando, para onde vai essa população que está nas franjas? Ela é vista como uma espécie de ameaça, então vamos exterminar, se não for pelo mercado imobiliário, vamos pelo extermínio direto mesmo, mas ao



mesmo tempo vocês todas falaram, e eu achei interessantíssimo, a questão das escalas e a questão das sensibilidades. Nós temos uma cidade, que podemos chamar de multi-escalar, podemos pegar como conceito e ver as sensibilidades desse espaço que, não necessariamente, precisa ser ditado pelo mercado, ou seja, não precisam ser estudados pelos(as) historiadores(as) do urbano, através do mercado ou do estado com suas políticas públicas. Eu queria que vocês discutissem um pouco sobre como a gente pode trabalhar essas sensibilidades sobre o espaço urbano, não necessariamente pensando sobre políticas públicas ou mercado.

Josianne Cerasoli: Nossa Mauro, eu pensei aqui tanta coisa enquanto você falava. Por exemplo, se formos pensar uma história praticamente em tempo real pelos entregadores por aplicativo, os de bicicleta e os de moto. Se a gente fosse capaz de fazer um mapa dos percursos que eles fazem, se a gente conseguisse fazer, como brincou, como analogia, o Giulio Carlos Argan muito tempo atrás, se conseguíssemos reunir em uma imagem todos os percursos dos moradores da cidade durante o dia, que imagem teria esse mapa? Se pudéssemos fazer isso, a gente descobriria o que a gente já sabe, a gente veria uma mancha onde está circulando muito dinheiro e depois, voltando para onde não tem nenhum. Se a gente cruzasse duas cartografias, a cartografia do dia dos entregadores por aplicativos com a cartografia de onde estão, por exemplo, as agências bancárias, a gente teria um mapa completamente descolado um do outro e, provavelmente, a gente conseguiria ver isso em uma escala ampliada para os cinco mil municípios do Brasil e entenderia, por exemplo, essa matriz que você coloca de exclusão, de fronteiras intra-urbanas, que se dá por um recorte de raça e ele é, não por coincidência, programaticamente de raça, de acesso à educação, acesso à saúde, é aquilo que os geógrafos têm chamado de racismo ambiental, que coincide com os lugares de piores condições do ponto de vista sanitário. Para essas populações estão sempre reforçando essas fronteiras urbanas invisíveis, mas extremamente palpáveis e conhecidas. Então, me parece que os percursos dos entregadores de aplicativo, de bicicleta ou de moto darão um mapa de uma outra cartografia de cidade e vão jogar na nossa cara, aquilo que a gente já sabe, talvez tomando uma inspiração àquilo que Simmel falava em 1903 sobre a vida mental na grande cidade: a gente cultiva uma indiferença, um individualismo atroz, há muito tempo, a cidade, que em tese é um lugar de oportunidade, um lugar que acaba funcionando como atrativo para muita gente, é o lugar da indiferença, é o lugar em que você pode passar despercebido o tempo inteiro. Se pensarmos em termos de escalas, em cada município brasileiro, esse mapeamento seria distinto, muito próprio das dinâmicas e relações em cada cidade, mas em todas elas nos falaria da das dinâmicas urbanas, dos valores da sociedade, sobre os valores imobiliários também.

Regina Oliveira: Josianne falando do mapeamento dos entregadores e eu pensando na população de rua, dos espaços que essa população utiliza, a forma como ela circula na cidade, certamente nos centros urbanos. Pensando muito nessa relação dos(as) catadores(as) de material reciclado com a cidade, mas pensando na população de rua que consegue se alimentar nesses espaços de grande circulação, é onde está circulando o dinheiro, é onde eles têm a possibilidade de ser, pelo menos momentaneamente, vistos. Nesse momento, eu estou em São Paulo e vemos a ocupação da população de rua em barracas colocadas na Avenida Paulista e em diversos outros lugares, se você pensar a partir da pergunta do Mauro sobre essa sensibilidade, o que acontece com essa população que sempre esteve nesse espaço? Mas o impacto da pandemia para ela é impressionante. A



gente tem vários elementos para pensar, por exemplo, os espaços que são os pontos das travestis na cidade, esses espaços que são vistos como marginais, onde eles estão localizados? Muitas vezes em locais que durante o dia são áreas industriais e à noite são utilizados de uma outra forma. Temos vários exemplos para pensar dos usos desses espaços ou de novos elementos para que a gente compreender a dinâmica que essas cidades estão adotando. Nas cidades turísticas você tem espaços onde os turistas vão, circulam e vão nesses espaços para visitar, mas o que acontece com a população local? Que espaços essa população local vai frequentar? Percebemos que, muitas vezes, são espaços bem diferentes. O turista não chega ao espaço onde a população local está; ele não é convidado a estar naquele local, também não entende, não vê interesse naquele local. Podemos pensar ainda a ocupação das ruas pelos pedestres, a forma como as ruas são utilizadas durante a semana, durante o final de semana, os espaços que a juventude encontra para poder chamar de seu, fora dessa lógica do poder público que não cria espaços, mas a juventude vai lá e ocupa, faz intervenções nesses espaços, se reconhecem neles, são os pontos de encontros e que a gente vai ter em qualquer cidade, grande ou pequena, é o local que aquele grupo se reconhece, onde se encontram. Isso traz diversas outras possibilidades de a gente entender o espaço urbano, como ele está sendo tensionado, a forma como ele está sendo utilizado.

Viviane Ceballos: É muito instigante pensar nessas reflexões que vocês trazem, e pensar na questão das leituras que são feitas sobre esse espaço. Não só as leituras que são feitas por historiadores(as), por pesquisadores(as), mas também pelas pessoas que vivem aquele espaço, como é que o enxerga e se enxerga nele. Quando vocês estavam falando desse silenciamento, digamos, pretensa higienização dos espaços com a exclusão, com a segregação de determinados grupos, eu penso para além da questão de raça, da questão econômica, desses mapas que podem se sobrepor, desses usos e circulação distintos, o recorte de gênero acaba sendo também algo importante. Como os usos desses espaços são pensados? Como leituras sobre as cidades são feitas? E, como nós mulheres, por exemplo, nos enxergamos e tensionamos para nos fazer visíveis no espaço urbano? Nesse sentido, se a gente for falar desses recortes e dessas dimensões, a gente pode ficar aqui até amanhã de manhã, discutindo diferentes possibilidades de enxergar isso que a Regina menciona, do tornar visível a população de rua que está ali, a juventude que está gritando, ocupando e se colocando como visível na interação com o espaço urbano que é silenciado, que está muito mais para uma vivência padrão na cidade e que acaba deixando à margem esses grupos. Nesse sentido, gostaria que falassem um pouco das pesquisas que vocês estão desenvolvendo agora, de qual é a perspectiva ou as perspectivas com as quais estão pensando o urbano. O que vocês estão produzindo nesse momento, pensando e tencionando nessa relação com a história urbana.

Regina Oliveira: Eu tenho pesquisado a renovação urbana na cidade de Ilhéus (BA). Sou paulistana, mas moro em Ilhéus e trabalho em Itabuna. O que me inquietou profundamente na região foi a transformação muito rápida da cidade a partir de 2014, quando algumas obras de infraestrutura começaram a ser anunciadas. Então, entre idas e vindas, a cidade começou a ser transformada, sem uma legislação e/ou a preocupação com a preservação do patrimônio. Percebemos assim, uma mudança significativa na região central da cidade, rapidamente os casarões começaram a ser demolidos ou somente suas fachadas são mantidas, em consonância com forte propaganda das transformações, da velocidade que marcaria um processo de modernização da cidade. Este processo se expande para o eixo sul



da cidade com a construção de muitos imóveis para veraneio, um restante de mata atlântica sendo derrubada para a construção de condomínios fechados. Isso começou a me inquietar e eu comecei a tentar entender o que estava acontecendo. Na pesquisa me deparei com fotografias da cidade e percebi que este é um movimento constante desde a década de 1930, esse vai e vem na paisagem. Tenho pesquisado isso em um diálogo muito próximo com a antropologia urbana, buscando entender o que está acontecendo na cidade, entender o que está acontecendo com a população que estava ali, naqueles locais, e que está sendo levada para outro lugar que a gente não sabe. Por exemplo, a remoção de uma comunidade para a construção de uma ponte na cidade, uma comunidade que estava no local há 40 anos, aí a gente vai percebendo o impacto desse movimento. Nesse momento, a minha pesquisa tem se debruçado sobre esses movimentos, essa compreensão do que está acontecendo nessa cidade, que tem aproximadamente 180.000 (cento e oitenta mil) habitantes. A cidade tem uma relação muito forte com o turismo e a gente percebe como existe uma tensão nessas relações entre a cidade que se volta para o turismo, que traz um discurso sobre uma modernização que ninguém sabe ao certo o que é, como essa modernização está chegando na cidade, o que ela significa. Uma percepção é que a população, em geral, tem visto essa mudança, mas não a tempo, muitas vezes, de tomar ou fazer uma ação, porque a coisa é muito rápida, então as ações são meio esparsas. Estou nesse momento tentando compreender esse local em que sou uma estrangeira. Parto desse lugar de ser estrangeira numa cidade pequena e todas as dificuldades decorrentes dessa tensão, pois você é vista como forasteira, tentando compreender o que está acontecendo nessa cidade e com essa população, que não vivia nesses locais, mas que está, digamos assim, do outro lado – onde vem acontecendo essas intervenções, está ali escondida. Qual é o impacto dessas grandes intervenções na dinâmica e na vida dessas pessoas?

Mauro Amoroso: Passo a palavra agora para a Josianne e aproveito também para pedir que Viviane comente sobre seu campo de estudo e suas pesquisas.

Josianne Cerasoli: Obrigado Mauro. Eu tenho me debruçado sobre a formação do pensamento urbanístico e como esse campo disciplinar vai se constituindo. Comecei a fazer isso sistematicamente perseguindo as revistas técnicas, vendo como elas estavam pautando o urbanismo, como é que parece estar relacionado às questões habitacionais e depois começa a se pensar a cidade como um todo, o plano para o centro das cidades e depois isso se amplia. Pesquisa é bom demais porque surpreende a gente. Por isso eu sempre voto contra um esquema teórico pronto, que bloqueia o olhar da gente. Eu acabei me deparando, buscando revistas de circulação ampla nos anos 1910, 1920, 1930, acabei me deparando, um pouco sem querer, com um Congresso de Urbanismo bastante grande. É um congresso internacional de urbanismo de países de latitude tropical, que aconteceu em Paris em 1931. Não estou falando do século XIX, eu estou falando entre a primeira e segunda guerra, pertinho da segunda guerra. É claro que houve muito protesto, sobretudo os anarquistas, os comunistas, os artistas. Teve a anti-exposição, mas os urbanistas, grande parte deles com formação militar, justamente porque atuavam nas colônias, vão fazer um enorme debate sobre o urbanismo colonial, urbanismo em países com latitude tropical. Não foi assim surpresa que encontrei entre os tópicos comentados, entre os trabalhos apresentados, cidades como Havana, que não era colônia, Recife, que não era colônia, Rio de Janeiro, que não era colônia. Então, isso me levou a discutir um pouco também o quanto há de autoritarismo no conhecimento do urbanismo, o quanto ele se coloca como esse saber



externo, que passa por cima com muita facilidade de todos esses outros habitantes das cidades que o regime está ali preocupado em ver. É como se eu estivesse vendo Regina, pelos olhos daqueles que não enxergam os sujeitos que estão te mobilizando, me senti mal agora (risos), estou do outro lado da força. Mas é justamente isso, tem algumas partes do mundo que estão me intrigando especialmente, a Indochina, as descrições que eles fazem sobre a Indochina, são recheadas de fascínio e um medo imenso de como aquela população se organiza de uma outra forma, sabe? Isso está me fazendo olhar um pouco para os medos que geram, por exemplo, um condomínio fechado. Não estou estabelecendo uma continuidade, uma consequência de uma coisa para outra, mas tem um afastamento que esse conhecimento disciplinar, que transforma a cidade em dados, despersonaliza. Você não vê pessoas no urbanismo, ele abre portas para isso, então eu estou no meio de uma documentação gigantesca sobre isso, que foi sem querer. Eu só queria ver as publicações do urbanismo, eu não queria me meter com os militares, nada disso, mas estou ali fascinada, cada página que eu viro é um conjunto de questões, é muito legal.

Viviane Ceballos: Bom, vamos lá! Minhas pesquisas têm se debruçado sobre Cajazeiras (PB), uma cidade no alto sertão paraibano que apesar de ser pequena, é uma cidade que ganha uma importância para região por estar em uma localização que a torna polo de circulação de mercadorias para uma região mais ampla. Então ali acaba virando uma espécie de entreposto comercial ou de circulação de mercadorias de estados como Rio Grande do Norte, Pernambuco, Ceará e Paraíba. Conseguimos acesso aos inventários post mortem que estão presentes na segunda vara cível do Fórum da cidade. Nossa ideia inicial era trabalhar a cultura material e perceber um pouco do que definia aquele espaço como um espaço urbano, porque você fala: "tornou-se cidade, com a lei imperial lá em 1876", mas o que caracteriza essa cidade como espaço urbano? Que tipo de cultura material era acionada ali, que faz com que a gente remeta para essa ideia de um espaço urbano? Porque ali naquele espaço, no final do século XIX e começo do século XX, é muito difícil vislumbrar fronteiras entre o rural e o urbano, são espaços interdependentes, são espaços que têm ainda uma relação muito próxima. Quando iniciamos a leitura da documentação, a ideia era cruzar as informações presentes nos inventários com as certidões de compra e venda de propriedade na área urbana da cidade, só que aí uma série de empecilhos impediu que a gente tivesse acesso a essa outra documentação. Assim, focamos os esforços da pesquisa nos inventários, conscientes de que a gente trata de um grupo muito restrito da população cajazeirense, porque não eram todos que conseguiam custear os processos de inventários e nem todos tinham bens suficientes para justificar esse gasto. Pela partilha a gente conseguiu mapear áreas que são ocupadas por essas propriedades nos espaços urbanos, sejam elas propriedades residenciais ou comerciais, pois há o estabelecimento de conexões sociais em torno do comércio de mercadorias, da circulação de informações, das próprias práticas de endividamento, por exemplo. A possibilidade de perceber personagens outros que não aparecem nos textos dos memorialistas que escrevem sobre a cidade nos permite encontrar possibilidades de entender essas dinâmicas e construir, quem sabe, um mapeamento dessa cidade, a partir desses personagens e dessas propriedades inventariadas.

Mauro Amoroso: Passemos agora para as perguntas das pessoas que estão acompanhando esse debate. Tivemos aqui três perguntas. A primeira pergunta é da Alana Antunes, da Federal do Mato Grosso: Josianne, como distinguir o público e o privado na história urbana? Qual seria essa fronteira? Ela existe?



Josianne Cerasoli: Super pergunta Alana, muito obrigada! É claro, existe a dimensão privada e pública sem dúvida nenhuma, mas eu queria tentar olhar as duas aqui, uma interferindo na outra. Quando a gente pensa, por exemplo, as grandes obras de saneamento que vão acontecer em numerosas cidades no início do século XX no final do século XIX, motivadas sobretudo por epidemias. Hoje parece brincadeira falar de epidemia. A gente está numa pandemia, mas a epidemia causou muito transtorno. As epidemias de febre amarela foram um grande detonador de melhorias sanitárias, essas melhorias sanitárias estão conectando o público e o privado, porque para que você tenha o controle dos fluidos, do esgotamento das águas e do acesso à água potável, você tem que interferir na maneira que cada um dentro da sua rotina diária, lida com água, ao invés de pegar a tina e ir buscar água lá não sei onde, lavar roupa na beira do rio cantando, que seria outro jeito de olhar a dimensão de gênero, uma dimensão que também desaparece na invisibilidade urbana. Quando você trabalha com essas grandes obras de saneamento, você vai ter uma disciplina lenta, gradual, sendo aprendida cotidianamente e que interfere em tudo na rotina de cada um da cidade, de cada habitante da cidade. Então, sem dúvida, existe a distinção entre o público e o privado na gestão das grandes obras, sobretudo de saneamento da cidade. Há uma pesquisa belíssima que é do pesquisador François Beguin, o artigo dele foi traduzido no Brasil há muito tempo, “As maquinarias inglesas do conforto”, justamente falando sobre isso em uma disciplina lenta e que depois chega em um momento que a dimensão privada passa a exigir da dimensão pública, um cuidado com esse saneamento. Então é uma disciplina que você passa a reivindicar, um controle que você passa a reivindicar. Não foi sem controvérsias que isso aconteceu, eu poderia citar aqui, no caso do Brasil, as campanhas persistentes dos maiores sanitaristas que a gente teve no século XX, o engenheiro Saturnino de Brito que fez obras no Brasil inteiro, em cidades de várias escalas. O tipo de obra era similar nessa infraestrutura, o Saturnino fazia campanha para que a pessoa não gastasse muito dinheiro nas fachadas das suas casas, mas sim no sifão, o sifão iria proteger a saúde e não a fachada bonita. E isso ele estava falando com um nível abastado, certamente um nível da cidade que teria deixado inventário para futuras pesquisas.

Mauro Amoroso: Vocês querem comentar Viviane e Regina?

Regina Oliveira: Eu pensei só em um elemento recente, as operações urbanas e as operações consorciadas, que mostra essa relação entre o público e o privado, como um meio que vai incorporando o interesse do outro, o público incorpora o interesse privado, mas ele é o indutor da ação. A Josi traz um exemplo lá do século XIX, XX e eu pensei nesse elemento agora no século XX, XXI, a gente começa a ver esse instrumento sendo utilizado com muita facilidade, e me lembrei de uma intervenção que está acontecendo em uma área em Salvador (BA), no Tororó, que é a ação pública novamente passando por interesses privados, para a construção de um shopping em uma área de Zeis. Eu acho que mostra muito da relação tão imbricada entre público e privado.

Viviane Ceballos: Pensar essa interferência e a relação público/privado é pensar o quanto ela acaba sendo um instrumento de violência, de você normatizar a ação do outro, o quanto você tem que viver aquela experiência, você vai se colocar ali, você vai construir. Houve recentemente em João Pessoa, a desocupação de uma área onde 200 famílias foram retiradas do seu local de moradia para se criar uma imagem de limpeza, de higienização e de ordenação do espaço. Você passa por cima de toda uma população que precisa estar ali



naquele espaço e que, muito provavelmente, vai sofrer uma ação pública, que além do deslocamento, além de colocar essas pessoas em condições que não necessariamente são as melhores condições, você tira dali para se "livrar" do problema. Essas pessoas se tornam visíveis como problema e como problema precisam ser eliminadas, se não fisicamente, mas simbolicamente. Acho que mais do que a definição de uma fronteira entre público e privado como a Alana colocou, pensar esse tensionamento constante, essa forma de você ficar o tempo todo nesse embate entre até onde o poder público pode e deve interferir no ambiente privado, na forma desse ambiente privado que é vivenciado e experimentado pelos habitantes.

Mauro Amoroso: O que caracteriza o ser urbano em nossa sociedade de rápidas transformações? Como ele se localiza nesse espaço estável? De Maria Stella Bresciani, uma grande referência para todos que estudam o tema. A pergunta não foi direcionada para alguém específico, seguiremos a ordem que está aparecendo na tela: Regina, Viviane e Josianne, ok?

Regina Oliveira: Penso que a gente se habituou a pensar sempre no urbano porque a maior parte da população está no espaço urbano e não no rural. A tendência é que isso se consolide cada vez mais, a gente vai tendo muitas formas de pensar esse ser urbano, que não é certamente homogêneo. Essa dimensão da relação com a cidade, do uso da cidade, das diversas áreas de usos que são muito diferentes, é uma característica. As cidades estão se transformando, a forma como a tecnologia nos atravessa, a impressão que dá é que a gente tem uma separação entre os seres urbanos, estes são cada vez mais individualizados. A dimensão coletiva vai sendo perdida, a forma com que cada vez mais nos individualizamos e procuramos assegurar um espaço próprio e único. Enfim, para onde isso nos leva? Talvez a um processo em que nos tornamos seres mais insensíveis. A Josianne começou falando sobre a positividade, uma visão otimista e eu fico pensando essa dissolução do coletivo, a busca por uma individualização cada vez mais forte, o quanto isso nos atravessa e nos distancia exatamente desse ideal do coletivo. Experimentar a cidade passa, então, a ser algo cada vez mais individual, uma apropriação cada vez mais solitária também.

Viviane Ceballos: A questão apresentada pela Stella nos faz refletir sobre o ser urbano e, a meu ver, pensar essa dimensão do ser urbano hoje é pensar cada vez menos no caráter social, na dimensão social dessa experiência e cada vez mais individual. Há cada vez menos pedestres nas cidades, cada vez mais o automóvel, a tecnologia, os espaços vazios passam a ser marcas do urbano. Em cidades menores, como Cajazeiras, por exemplo, é possível ver ainda pessoas que se sentam nas calçadas, que ocupam praças, que tem uma convivência que ainda remete para essa dimensão mais coletiva da experimentação do urbano, do ser urbano. Mesmo essas reminiscências remetem para uma experiência com aqueles que são parte de um círculo de convivência mais próximo. Cada vez menos enxergamos a diversidade, a pluralidade de experiências, de vivências. Essas rápidas transformações no espaço, na forma da cidade, são também transformações do indivíduo, das percepções que a gente tem do que é estar na cidade, do que é viver a cidade. As lojas de rua que começam a perder cada vez mais espaço para os shopping centers, os cinemas de rua são deslocados para dentro dos shoppings. Você tem uma experimentação da vida urbana, da vida na cidade que perpassa essa dimensão tecnológica, de criar uma norma, um padrão de como essa experiência deve ser vivenciada. Atualmente, tem muita gente falando em harmonização



facial, que todo mundo fica igual, todo mundo tem que ter a bochecha sequinha, o lábio grosso e o olho de uma determinada forma, é um pouco isso que eu vejo quando penso na experiência urbana - tem espaços que são padronizados e tem uma lógica de uso e de apropriação que você se vê imerso ali e tem dificuldade de voltar a experimentar de uma forma diversa, de dar vazão à tensão da experiência de e na cidade.

Mauro Amoroso: Obrigado gente, vou passar aqui para próxima que é do Horácio Esteves da Federal do Rio Grande do Sul. Professora Regina e o papel da Arte e da Educação nas cidades, como fica nessa perspectiva de História Urbana mais ampla? Esse cenário não traz um grande desafio para nós educadores e educadoras, historiadores e historiadoras? É possível superar a marginalização das cidades pequenas comum nessas áreas?

Regina Oliveira: Obrigada Horácio pela questão, eu acho que a arte e a educação têm muitas contribuições para a história urbana, eu acho que nos trabalhos que nós fazemos com a educação básica, é possível trazer discussões para que os jovens, as crianças, enfim as pessoas entendam o que é a cidade, entendam o que é o espaço onde elas estão vivendo, entendam o que são as contradições presentes neste espaço. Certamente, a arte traz muitos elementos para pensarmos, desde as ocupações, o grafite, como a arte se manifesta, o que ela clama para ser vista, por se visibilizar nas cidades. Eu acho que a gente tem um grande desafio: compreender que essa dimensão urbana, ela perpassa a nossa vida, perpassa onde nós estamos e é importante a gente entender que a cidade é matéria das nossas reflexões. Em cidades maiores, nos grandes centros é comum a gente ver as crianças circulando nas cidades, tem outra forma de você vivenciar, mas nas cidades pequenas como Cajazeiras e Ilhéus, por exemplo, é importante você trabalhar esse olhar. Você trabalhar de forma a sensibilizar o outro, o olhar dos nossos jovens, o papel da educação básica para que compreendam essa cidade, para que compreendam as formas de uso que são feitas nessas cidades, as contradições ali existentes. Aonde podemos ir? Por que não podemos ir? Onde a gente está circulando? Quem está circulando? Eu acho que é muito importante. Tem uma discussão que vem sendo feita pensando a questão de gênero: como as cidades são inseguras para as mulheres, o quanto a gente fica o tempo inteiro tendo que pensar por onde podemos circular ou é permitido circular, em quais horários, enfim, isso traz também elementos dessas contradições que estão postas, dessas disputas do espaço e desse controle dos corpos. A gente tem um desafio imenso pela frente, mas é pensando junto, é trazendo essas experiências, trazendo o que nos inquieta para refletir.

Mauro Amoroso: Eu queria aproveitar e pedir desculpas por uma falha terrível da minha parte. Acabei não permitindo que a Josianne comentasse a pergunta da Stella, mil perdões querida. Vou abrir o microfone para você fazer seus comentários sobre a pergunta da Stella, se quiser emendar com os comentários da Regina.

Josianne Cerasoli: Imagina Mauro, eu estava aqui entretida com as respostas, eu estou aqui aprendendo também. O Brasil tem cinco mil e quinhentos e sessenta municípios. Quando a Stella coloca o que é o ser urbano, de qual dimensão ela está falando? De qual escala está falando? Aí eu fui pegar a minha listinha aqui, porque eu esqueço esses números e eu acho que é uma listinha boa. Quantos municípios no Brasil têm mais de quinhentos mil habitantes? Ou seja, tem segundo turno de eleição, é disso que se trata. Então, nós vamos precisar muito da história urbana para um ano como 2022, para entender como é que a política se dá nos espaços sobre os quais nós temos refletido pouco na academia. São apenas cinquenta



municípios dos cinco mil, eu fui conferir porque eu falei, não é possível minha anotação estar errada, mas não, ela está certa, é isso mesmo, se bem que esses dados são do IBGE de 2010, a gente não tem dados para agora, e aí as coisas são ainda mais interessantes, cidades com mais de cem mil habitantes, apenas trezentos e trinta municípios. A grande e imensa maioria tem cinco mil habitantes, então o que é um ser urbano ali? O que é arte nesses espaços? Então a gente precisa olhar, eu acho muito curioso, existe uma grande tradição de estudar história urbana na França, na Itália, e aí tem certo heroísmo na Itália, por exemplo, as comunas, porque cada cidade tem sua maneira própria para pensar e tal. Vamos conhecer essa discussão e entender o que eles estão separando como identidade? A França também com tradição de não ter grande cidade, quatro grandes cidades, o restante são cidades pequenas, a história urbana se dá nessa minúcia, mas e o Brasil, inviabilizado? Desses cinco mil municípios, a gente não sabe nada deles e de suas dinâmicas? E olha Cajazeiras, sessenta e dois mil, então, nossa caçula aqui, está muito acima daqueles que são a grande maioria, e aí eu acho que o ser urbano para mim, é aquele que se permite ser um ser político, aquilo que está no espaço e confrontado, que consegue olhar para o outro e compreender que o outro não é um duplo de si mesmo, ele é diferente, ele pode estar fazendo outra coisa. Pensando nas cinquenta cidades que eu falei, de cinco mil habitantes, você começou a baixar a escala e você vai ter já aquele comportamento típico de comunidade, que é olhar para o outro e levantar o rol de julgamentos morais, então é isso mesmo? A gente precisa estudar, então vem lá Santa Isabel do Rio Grande do Sul, vamos todos estudar o urbano, porque sabemos muito pouco sobre todas essas variedades de escalas, eu acho que era isso, obrigado Mauro!

Mauro Amoroso: Viviane, você quer fazer algum comentário?

Viviane Ceballos: Se a gente voltar o nosso olhar para essa questão da arte e da educação, para os coletivos culturais que emergem nessas cidades menores e que se colocam como espaço de leitura e de apropriação do urbano, da vida na cidade com a produção de poesias, raps, danças, festivais de dança, pichações, grafites, isso quer dizer, intervenções no espaço que falam de uma relação que você estabelece com esse espaço, e a juventude que se mobiliza em torno desses coletivos, precisa ter também os seus espaços de visibilidade e de apropriação.

Mauro Amoroso: Vamos continuar aproveitando a próxima pergunta é para você Viviane, que é a pergunta do Giovanni: Cajazeiras na Paraíba, a exemplo de vários municípios situados no contexto da região do semiárido do Nordeste, infelizmente não mantêm uma relação satisfatória, fecunda, planejada frente ao bioma Caatinga (um patrimônio biológico, geoeconômico, de extraordinária biodiversidade). O que concretamente pode ser operacionalizado para melhorar, potencialmente, a relação cidade/campo, principalmente nos municípios do interior nordestino, para evitar a evolutiva destruição deste bioma mencionado?

Viviane Ceballos: Bom Giovanni, eu agradeço a pergunta, embora seja uma pergunta extremamente difícil de responder, porque eu acredito muito que as pesquisas que a gente desenvolve sobre a história urbana, elas devem pressupor uma relação de entendimento desses dois espaços, do campo e cidade. Se você pensar as cidades do seminário nordestino, e aí eu vou te falar mais especificamente da Paraíba, que é onde eu resido, a gente tem uma relação de política pública, de gestão do espaço urbano e da relação que se



estabelece com o campo muito marcado ainda por um sentido de uma gestão, que se restringe nas mãos de algumas famílias, que tradicionalmente vem se revezando nos cargos públicos, na gestão pública desses espaços. Nesse sentido o que eu vislumbro como possibilidade é a intensificação de estudos urbanos, da história urbana sobre essas relações e esse tensionamento para que a gente produza espaços educativos, reflexões, discussões para que as pessoas que vivem tanto no campo, quanto na cidade, reconheçam a importância desse bioma, no caso a caatinga, e que isso acabe sendo potencializado em ações em sua defesa. Projetos de extensão, de projetos de pesquisa, de discussões coletivas e associações que pensem e que trabalhem com esse bioma devem ser incentivados e valorizados para que a gente viabilize esse reconhecimento, e, portanto, uma mobilização em sua defesa e a demanda de políticas públicas voltadas a esses processos de preservação. Não consigo te responder de uma forma mais específica porque a gente precisa entender a dinâmica de como esse bioma está sendo destruído em cada município, em cada região, quer dizer, na Paraíba falar em semiárido é falar de um espaço que compreende ali o sertão e a parte do Cariri paraibano, daí você vai ter uma infinidade de municípios e de gestores que pensam a relação com esse bioma de uma forma distinta. Não dá para a gente estabelecer um padrão ou uma ação, eu penso que passa muito por esse processo de discussão e educação do nosso olhar pelo reconhecimento desse bioma como importante para as relações, inclusive ou sobretudo, como espaço urbano também.

Mauro Amoroso: Maravilha! Josianne e Regina, vocês querem fazer algum comentário?

Josianne Cerasoli: Vamos lá, é só pensar uma coisa às avessas, como a destruição do bioma, aqui das florestas tropicais do Sudeste, eu me pergunto muitas vezes porque o impacto disso não foi maior? Porque a devastação foi gigantesca, então eu tenho a absoluta certeza que fazer os levantamentos históricos, mostram quais são as lógicas da destruição e nos ajudam a pensar esses mecanismos e argumentar a favor deles. Nós sabemos como foi a destruição, então podemos evitar. Mas eu me pergunto por que o impacto aqui no Sudeste não foi ainda maior? Só agora a gente está ficando sem recursos híbridos, talvez porque a interconectividade de todos os biomas seja muito maior do que a gente conseguiu levantar até hoje, sorte nossa, como se diz? Sorte de principiante, destruímos sem pensar e aí tivemos um pouquinho de sorte.

Mauro Amoroso: Vou aproveitar, encerrar e agradecer aqueles que nos assistiram, que nos mandaram perguntas, agradecer às colegas historiadoras do Urbano. Foi excelente mesmo! E fazer um convite como foi reiterado nas falas de todas elas, continuem estudando a história urbana.



Mauro Amoroso

Professor adjunto da FEBF/UERJ, do Mestrado Profissional em Ensino de História (HISTORIA/UERJ) e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades (PPCULT/UFF). Foi professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Comunicação e Cultura em Periferias Urbanas (PPGECC/UERJ) de 2014 a 2020. Possui graduação (2005) e mestrado (2006) em História pela Universidade Federal Fluminense, doutorado (2012) em História pelo CPDOC/FGV e estágio de pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo (PPGS-USP) com bolsa do CNPq. Desde 2019 é editor-adjunto da Revista Periferia. No mestrado, desenvolveu pesquisa sobre representações de favela e fotografia de imprensa, a partir do acervo do Correio da Manhã. No doutorado, realizou estudo sobre a produção e o uso político da memória no morro do Borel. Seus temas de interesse são: os discursos de moradores de favelas sobre o passado e seus usos políticos, a questão da violência urbana a partir do final dos anos 1970, as favelas como campo para elaboração e implementação de projetos políticos, as representações da habitação popular do Rio de Janeiro na cultura visual e ensino de História. Desde 2018 é Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ) e desde 2020 é Procientista (FAPERJ/UERJ).

Josianne Cerasoli

Professora e pesquisadora, formação acadêmica em história (graduação e pós-graduação na Unicamp), doutorado na área de Política, Memória e Cidade (2004), com aberturas de diálogos com outros campos, como o da arquitetura e do urbanismo e a educação. Atuou como docente nos diferentes níveis de ensino: educação básica (de 1991 a 2000), ensino superior (de 2004 a 2012, no Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia-UFU); desde 2012, atua no Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas-Unicamp), nos cursos de graduação e pós-graduação (mestrado acadêmico e profissional e doutorado). Destaca-se a coordenação do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade (CIEC), sede do grupo de pesquisa (CNPq), de mesmo nome, e da Associação Ibero-americana de História Urbana (<http://www.ifch.unicamp.br/ciec/>). Atua também como editora da Revista Urbana (www.periodicos.bc.unicamp.br/ojs) desde 2007, atuou em projetos voltados à formação de professores, como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID (2013-2018), o Programa de Consolidação das Licenciaturas-Prodocência/CAPES (2013-2017), que originou o Laboratório das Licenciaturas do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp-L3 (onde atua desde 2017) e o Centro de Humanidades Digitais (onde atua desde 2020). É membro dos grupos de pesquisas (CNPq): "Cultura, arquitetura e cidade na América Latina" e "História e linguagens políticas: razão, sentimentos e sensibilidades". Desde 2019, coordena o Observatório de Direitos Humanos, órgão da Diretoria Executiva de Direitos Humanos da Unicamp. Foi membro da diretoria da Associação Nacional de História, seção São Paulo-ANPUH-SP (que presidiu entre 2018 e 2020). Em síntese, as áreas de atuação e interesse são: história política, história urbana, teoria e metodologia da história, com atenção a temas como cidadania,



Brasil-republicano, São Paulo (história), modernidade-modernizações, intersecções história-arquitetura e reflexões sobre o ensino de história, nos diferentes níveis.

Regina Oliveira

Professora da Universidade Federal do Sul da Bahia, no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC), campus Jorge Amado desde 2014. Doutora (2014) e Mestre (2008) em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); Bacharel e Licenciada em História (2000) pela Universidade de São Paulo (USP). Atuou como docente das redes municipal e estadual de educação na cidade de São Paulo (2003-2012). Possui interesse em pesquisas que perpassam a relação e o diálogo da História com a Antropologia Urbana, a Sociologia, a Arquitetura e Urbanismo e a Geografia. Possui experiência no ensino e pesquisa em História, Educação, Estudos Urbanos e Cidades. Atuou em projetos e programas urbanos de trabalho comunitário e educação popular junto aos movimentos de moradia na cidade de São Paulo e região metropolitana. Também tem atuado em programas na área de Educação como: Programa Residência Pedagógica (PRP) e o Programa de Iniciação à Docência (PIBID). É membro do Núcleo de Estudos e Intervenções nas Cidades (NEIC).

Viviane Ceballos

Possui graduação em História pela Universidade Federal da Paraíba (2001), mestrado (2005) e doutorado (2014) em História pela Universidade Estadual de Campinas (2005), e pós-doutorado pelo Programa Dual Degree Unicamp-Rice University (2016). Atualmente é professora da Universidade Federal de Campina Grande. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil República, atuando principalmente nos seguintes temas: história, cidade, história oral, memória e história da cidade.